

Litoral

Director e Editor — David Cristo * Administrador Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos * Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Moraes, 12 — Telefone 23886 — AVEIRO

**Aumento do tráfego 600%!
em algumas zonas do concelho**

O PROBLEMA VIÁRIO

É consabido que muitos são os factores conducentes ao acréscimo de tráfego em pontos determinados da rede viária — e por vezes sucede que o engrossamento do trânsito em certas zonas é consequente duma diminuição noutras zonas, estas minimizadas no movimento ou simplesmente desprovidas por motivos de ocasionais conveniências. Mas, no concelho de Aveiro, o factor é de aumento — aqui e além registado na década de 1955-65 — não resulta de diminuições nas restantes vias avelrenses; antes, e duma maneira geral, os caminhos locais tendem à insuficiência — muitos deles à insustentável saturação.

ENCONTROS PROVEITOSOS

Na pretérita sexta-feira, 1 do corrente, pelas 22 horas, na sala das sessões da C. M. A., os representantes da Imprensa local e diária, para o efeito expressamente convidados, reuniram com o Presidente do Município. Presente, também, o Arq.º José Semide, do Gabinete de Urbanização.

O sr. Dr. Artur Alves Moreira, depois de saudar os convidados e de agradecer a sua presença, disse que aquele contacto directo com os representantes dos órgãos de informação — o primeiro, naquela forma, duma série, que está no seu desejo levar a efeito — o tinha por preferível, não só à concessão unilateral e necessariamente muito incompleta de notícias camarárias, mas ainda ao sistema de entrevistas, que por diversas vezes lhe foram solicitadas: a troca de impressões em conjunto — acentuou — evita escusadas repetições, responde a todas as perguntas, esclarece todas as dúvidas e pode satisfazer simultaneamente todos os órgãos

noticiosos, que porfiam, aliás muito louvavelmente, em esclarecer o público, naturalmente interessado no conhecimento dos problemas da administração.

Anunciou que, em cada sessão, apenas será abordado

um tema. Naquela noite o tema seria

ACESSOS À CIDADE

Trata-se de um problema liminar e da mais urgente solução — mas problema altamente complexo: por um lado, equaciona-se e terá de resolver-se em diversas e desniveladas jurisdições; por outro lado, é passível dos mais variados — e, por vezes, inesperados — condicionalismos. Os interesses viários concelhios não podem dissociar-se das soluções — realizadas, pre-

Continua na última página

Cada cabeça... sua sentença

COORDENAÇÃO DE JÚLIO HENRIQUES

COM o incentivo de Pinto da Costa, que esta semana precisou de respirar, e apanhados por um acontecimento inédito (o aparecimento do avelrense Dr. José Afonso em 1.º lugar no famosíssimo concurso de «Rei da Rádio») e porque o facto pressupõe uma notável mudança de mentalidade dos e das votantes, em geral leitores das economicamente progressivas «Plateia» e «Crónica Feminina», até aqui só interessados em levar ao trono personalidades incipientes e vazias, pusemo-nos em campo para arrancar de diversas pessoas opiniões sobre a canção e a música populares nacionais.

Pelas respostas colhidas, obtivemos a certeza de que

A NOSSA MÚSICA POPULAR

a m. p. p., tal como comumente existe (exemplo: assistir-se a uma final para um concurso da Eurovisão), é apenas um narcótico entorpecedor dos que ingenuamente a acreditam, uma repetição popularizada de frases e musicetas deslocadas no tempo, que só por graça dos deuses da guita (e do nosso analfabetis-

Continua na página três

PARA UM DIÁLOGO VIVO

JORGE SARABANDO MOREIRA

de súbito a janela abriu-se.

E as plantas que estavam na penumbra, reverdeciam, e os longos cabelos deliquiscentes, vibraram, e os dedos despertados, no espaço estremeceram; os gestos falsaram. E o tempo, sacudido...

Qualquer coisa se modificou, leitores, quebrado este muro de falso silêncio que nos separava, a nós, jovens empenhados, comprometidos. Responsáveis.

O diálogo despontou, encheu-nos o peito, gritou-nos na cabeça — e saltou à praça quem teime em estrangulá-lo.

As palavras de Artur Fino no «Litoral» de 7 de Setembro — «Significa, isso sim, a entrada em franco diálogo, aberto, sincero. Sem pretensões de infalibilidade» — surgem-nos como um desafio, corajoso desafio, de quem não se ilude da sua responsabilidade de estar no mundo, de quem não descarta a atenção pelos problemas do lugar onde vive, da gente com quem comunica — permitindo, assim, adivinhar e supor aqueles que envolvem a sociedade em que nos inserimos, fora das portas dum regionalismo balofo e míope.

É que a questão, claramente, é esta: a propriedade dos meios de produção encontra-se nas mãos duma minoria que, para manter a sua posição de predomi-

nância, necessita de escravizar a maioria que a serve e se lhe opõe. As formas de exploração que utiliza, que vão desde o subtil e o hipócrita ao repugnante e insultuoso, tendem a alienar as classes socialmente submetidas, corrompendo ou eliminando o espírito criador e apagando qualquer chama de contestação.

Resulta daqui, que a cultura numa sociedade deste tipo se encontra jugulada tanto pelas preferências de um público fácil como pelas imposições, mais ou menos disfarçadas, da classe preponderante. Decorrem, pois, da tomada de consciência desta dialise, duas tarefas primordiais: educar o público e denunciar a situação opressiva. Exige-se que definamos uma atitude. E, entre os caminhos que se nos propõem, avultam dois: o que nega tudo isto e o que ilude a bivalência da opção. Daqui, devotarmo-nos inteiramente a uma das tarefas com a intenção de resolver ambas; ou dedicarmo-nos às duas em conjunto com a pretensão de as harmonizar, ecléticamente. Sendo soluções, são erradas. O que Alberto Ferreira diz no «Diário de Édipo» aplica-se aqui: «...a coerência é algo que inventamos para sossegar

Continua na página cinco

DEDICATÓRIA

CAROLINA HOMEM CHRISTO

Quantos anos não ouvia um relógio dar horas dentro de casa! É a coisa mais banal do mundo, bem sei, mas... a verdade é que me causou uma sensação de prazer... de intimidade familiar de que gosto sempre de me sentir rodeada.

Há tantos anos!

O meu pai adorava os relógios. Em casa dele havia-os por todos os lados. Cada qual dava as horas em seu tom, e de formas diferentes. Uns de timbre mais fino... outros mais grave. Desde o precipitado cuco que deitava a cabeça de fora a cada badalada, ao majestoso e cantante carilhão, havia de tudo. Mas há muito tempo que essas vozes se calaram nas casas em que fui criada e frequentei. Passaram de moda — pelo menos em Lisboa — e fui agradável-mente surpreendida quando a meio da noite do último sábado ouvi bater novamente as horas no tradicional relógio caseiro da residência de uns amigos do Norte com quem fui passar este fim de semana (por sinal um bocado azarento: imaginem que parti

um dente, uns óculos, e perdi um brinco! Nada menos!).

Estão a pensar que bati com a cara em qualquer parte. Não foi tanto, felizmente. O dente não sei como foi. A certa altura, a meio do primeiro almoço, senti qualquer diferença ao mastigar. Fui ver e na verdade faltava-me cerca de metade de um dente da frente. Deve ter sido uma dessas torradinhas também tradicionais em certas casas que fazem as minhas delícias com o chá da manhã, a causadora do desastre. Uma maçada!

Os óculos, também não atino com o que se passou com eles. Tinha-os na carteira dentro do respectivo estojo... (trago sempre uns de ver ao longe e outros para ler) e quando lhes fui a pegar estava um

Continua na página três

SALAZAR

Junto do leito do Senhor Professor Oliveira Salazar continua a permanente e desvelada atenção daqueles a quem se confiaram os cuidados devidos ao ilustre enfermo.

Todos os dias o grande público procura inteirar-se, através dos boletins clínicos, largamente divulgados, da evolução da doença do antigo Chefe do Governo.

A hora em que escrevemos esta nota, continua reservado o prognóstico — como sempre tem acontecido desde a segunda e mais grave crise que acometeu o Senhor Doutor Oliveira Salazar.

Entretanto, numerosas pessoas, de todas as condições sociais, designadamente altas individualidades portuguesas e estrangeiras, têm desfilado pela Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa.

— Então, Zé, que dizes tu?

— Nada, Senhor Presidente, inda tenho a língua perra...

Desenho de A. TORRES



A. Torres

-SEM CULTURA O HOMEM É UM VASSALO, NÃO É UM CIDADÃO — Victor de Sá

O TEATRO E AS MASSAS

Aos Armadores e Capitães dos Barcos da Pesca de Arrasto

ATENÇÃO—IMPORTANTE

Os danos causados pelos arrastões quando engatam um cabo submarino podem ser evitados

EVITEM o arrasto próximo dos cabos

EVITEM os lances que se cruzem com os cabos

EVITEM danificar um cabo: no caso de engatarem algum cabo, abandonem o vosso material e reclamem a devida compensação

Os cabos submarinos estão agora assinalados nas cartas de navegação

PESCADORES consultem estas cartas durante o arrasto e em caso de dificuldade dirijam-se a:

CABLE AND WIRELESS, LIMITED
QUINTA NOVA—CARCAVELOS
 Contamos com a vossa cooperação

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Proc.º N.º 33/68

2.ª Secção — 2.º Juízo

Faz-se público que nos autos de Acção Especial (Justificação de Ausência) número trinta e três, mil novecentos e sessenta e oito, que corre seus termos pela Segunda Secção do Segundo Juízo da comarca de Aveiro, requerida por Rosa Dias de Oliveira, casada, doméstica, residente em Quinta do Picado, freguesia de Aradas; João dos Santos Oliveira e mulher, Maria do Céu de Jesus Coelho, ele empregado camarário e ela doméstica, residentes no Bonsucesso, também da freguesia de Aradas, desta comarca, foi, em sete de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito, proferida sentença julgando justificada a ausência em parte incerta de Albino dos Santos, casado, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América do Norte e com última residência conhecida em Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca.

Aveiro, 7 de Outubro de 1968

O Escrivão de Direito,
 Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
 Abel Pereira Delgado

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Martins Soares

Solicitador encartado

Travessa do Governo Civil-4-1.º E.

AVEIRO

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª publicação

Proc.º N.º 103/A

1.ª Secção

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados João Carvalho Gonçalves Laranjeira e mulher, Mariana Laranjeira, residentes na Gafanha de Aquém, de Ilhavo, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por o Ministério Público e que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 9 de Outubro de 1968

O Escrivão de Direito,
 António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
 João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Ramos & Gamelas, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico que por escritura de 17 de Setembro de 1968, inserta de fls. 69 v.º a 71 v.º do L.º C N.º 4, deste cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «RAMOS & GAMELAS, LIMITADA», com sede em Aveiro, reforçaram o capital social no montante de 45 000\$00 através de novas entradas dos actuais sócios e pela entrada de 3 novos sócios. O aumento foi subscrito pela forma seguinte:

a) — O actual sócio Manuel Simões Gamelas entrou com 10 000\$00;

b) — O também actual sócio Ulisses Lemos de Sá, entrou com 9 000\$00;

c) — O novo sócio José dos Santos Piçarra subscreeu uma quota de 11 500\$00;

d) — O novo sócio Francisco Lemos de Sá, subscreeu uma quota de 11 500\$00;

e) — E o novo sócio António Nobre Machado, subscreeu uma quota de 3 000\$00.

Os antigos sócios unificaram as quotas que a cada um pertenciam.

E o pacto social foi alterado parcialmente substituindo-se o artigo terceiro pelo texto seguinte:

Terceiro — O capital social é de cinquenta mil escudos, dividido em cinco quotas, uma de cada sócio, sendo as dos sócios Ulisses Lemos de Sá, Francisco Lemos de Sá e José dos Santos Piçarra, de onze mil e quinhentos escudos cada uma; e a do sócio Manuel Simões Gamelas de doze mil e quinhentos escudos; e a do sócio António Nobre Machado de três mil escudos.

Deste capital, quarenta e cinco mil escudos acham-se realizados em dinheiro; e os restantes cinco mil escudos estão representados pelos diversos bens e valores do activo da sociedade, demonstrados pela respectiva escrituração.

Está conforme ao original.

Aveiro, 26 de Setembro de 1968

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

BOSCH
 OFICINA
 ESPECIALIZADA

ELECTROBEIRUTO, L.º

Telefone 24657 — AVEIRO

ELECTRICIDADE EM AUTOMÓVEIS, BATERIAS, ETC.

COM OFICINAS NA

Rua do Senhor dos Aflitos, 22 a 22-B

(Ao lado da Firestone)

LOTARIAS E TOTOBOLA

CAMPIÃO

SEMPRE PRÊMIOS GRANDES

Rua da Ferrelra Borges — COIMBRA

Armazéns ou Oficinas

Dois, local central. Área: 90 m² cada. Arrendam-se. Rua de S. Roque, 13-1.º D., em Aveiro.

Ferreiras de Pinho, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico que por escritura de 30 de Setembro de 1968, inserta de fls. 49 a 51, do livro B-68, deste cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «FERREIRAS DE PINHO, L.DA», com sede em S. Bernardo, na freguesia da Glória do concelho de Aveiro, alteraram os artigos primeiro, quarto e quinto do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «Ferreiras de Pinho, Limitada»; tem a sua sede e estabelecimento na freguesia de Esgueira do concelho de Aveiro; teve início no dia um de Janeiro de mil novecentos e sessenta; e durará por tempo indeterminado.

Quarto — Haverá um só gerente, eleito em assembleia geral, dispensado de caução.

Quinto — A cessão de quotas é inteiramente livre. Está conforme ao original.

Aveiro, sete de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728



Rapaz

— com 14/15 anos.

Falar na Casa do Café, Rua do Gravito — Aveiro.

OMEGA

CONSTELLATION
De 3.600\$00 a 14.400\$00

SEAMASTER
De aço — 2.400\$00

LADYMATIC
De plaqué — 2.700\$00

Três relógios que aliam a incomparável precisão OMEGA à elegância, à sobriedade e à distinção.

AGÊNCIA OFICIAL

Ourivesaria Matias & Irmão

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 78
 Telef. 22429

AVEIRO

Jóias de valor. Lindos Artigos de ouro
 pratos de estilo e relógios OMEGA

Com cada relógio OMEGA é entregue um certificado que assegura a assistência técnica em 163 países, e sempre com peças de origem.

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

mo e da nossa ingenuidade) continua a existir, para nos manter em tradicional incomunicação.

Está visto que no intrincado panorama artístico português, mesmo ligeiro, não é muito fácil alguém com valor não admitido safar-se. Somos um país subdesenvolvido, com tudo o que o subdesenvolvimento e o capitalismo respectivo fazem comportar. Daí...

...Daí não ser de admirar que os cantores populares mais vendidos em disco e mais ouvidos em festivais e outros programas sejam os mais incipientes, os mais retóricos, os mais tachistas, os mais afastados da nossa realidade.

Neste estado de coisas há também que incluir o medo: o tiro possível pode sair pela culatra e então é que são elas... Por isso, a solução é estar quieto. E estar quieto significa cantar baboseiras, que não aquecem nem arrefecem, antes mantêm caladinhas (multiplicando-as) as vozes que poderiam trautear coisas bem diversas de «não interessa mais pensar».

O lema é: safe-se quem puder! E quem pode... safar-se, é claro.

(Entretanto, um pouco de calma: há quem esteja a trabalhar).

Mas vejamos o que disseram os nossos «entrevistados».

UM EMPREGADO DE CAFÉ

Bem, eu cá acho que a música popular define a maneira de ser do povo português. Acho que tem valor, sim senhor. Exemplos? O fado, tanto de Coimbra como de Lisboa. Gosto imenso de alguns cantores, como Rui de Mascarenhas, Francisco José, Alberto Ribeiro. E de Amália Rodrigues, está claro.

UMA ESTUDANTE DO LICEU

Praticamente não a ouço. Creio que tem pouco a dizer, ou nada. A música popular que me interessa é a anglo-americana. José Afonso? Acho que é, com poucos outros, um valor a sério da nossa música popular. Só é pena que não seja mais divulgado.

UM INDUSTRIAL

Verifico, com 47 anos de idade, que a música popular portuguesa não evoluiu quase nada de há cerca de 30 anos para cá. Este surto que a música popular tem vindo a ter no estrangeiro não tem correspondência entre nós. Eu diria que a nossa música popular está ultrapassada. Noto que as pessoas com conhecimentos de música se afastaram há muito do seu convívio. Foi-nos chegando, entretanto, do estrangeiro, uma outra que, além do mais, possui qualidades técnicas que a nossa está longe de ter. Note-se, no entanto, que apesar de pouco conhecidos do público em geral, há entre nós reais valores na música popular. Carlos Paredes, que muito admiro, é um exemplo.

UM ESTUDANTE E PINTOR

Considerando M. P. P. aquela que tem mais aceitação nas massas populares em virtude da sua grande difusão, aquela música com palavras portuguesas que se vende mais, aquela que toda a gente

cantarola, creio que, então, a tal dita «música popular» não passa de lixo. Pessoalmente, não lhe encontro um mínimo de estética musical para que a possamos considerar como arte (inclusive a dos festivais). Pegando na música portuguesa que nem toda a gente canta nem conhece, como a de Fernando Lopes Graça ou de José Afonso, artistas que vão procurar as suas bases de trabalho na música intimamente popular, nessa não vale a pena falar, porque, ou se conhece e então é desnecessário, ou não se conhece, e neste caso só ouvindo-a — porque a música é assim mesmo: primeiro ouve-se e depois fala-se dela.

UM EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

A canção popular portuguesa? Antes de mais, parece-me que isso não passa dum lindo mito para entretenimento fácil. Refiro-me, é claro, àquela que é mais divulgada, tanto na TV como na Rádio. O que queres que te diga? Que me dá vontade de berrar quando ouço estas nossas lindas melodias de carregar pelo boca, de Garcias, Mourões, Tonis de Matos e companhia? Que tenho pena que cantores como o Manuel Freire, o Dr. José Afonso, o Adriano Correia de Oliveira e alguns outros não sejam mais ouvidos, que não vão à Televisão? Que diabo é a «canção popular portuguesa»? O que nos diz ela? Se exceptuarmos uma ou outra, a maioria é duma alienação quase completa, dum monocordismo temático e musical que chatela, duma pobreza que confrange. Deves saber, entretanto, que há vários novos a tentar fazer umas coisas. Caso do Daniel, do Nuno Filipe. E deles, parece-me, que temos a esperar alguma coisa. Claro que, por enquanto, não estão muito «afinados». Falta-lhes um certo equilíbrio, em grande parte fruto das mediocres condições em que gravam. Mas, torno a dizê-lo, parece-me serem estes, e outros que entretanto (esperemo-lo!) irão surgindo, os que tentarão renovar a nossa canção popular. O Nuno Filipe, por exemplo, canta a Teresa Horta, o que é muito de louvar, embora a música que ele faz não seja ainda por aí além. Se vou votar? Bem, nunca alinhel nestes concursos de reis da rádio e quejandos. Mas este ano parece-me que a coisa está finalmente a ter interesse. Imagine-se! O Dr. José Afonso em primeiro! Claro que vou votar nele. E também no Manuel Freire. Por coincidência são os dois (mais ou menos...) de Aveiro.

UM ARTISTA PLÁSTICO

Como expressão ou meio de difusão de valores reais, a canção nacional de há muito que atingiu completa decadência. A banalidade assentou arraial. O seu processamento actual (e não só actual) doa-nos um amargo sentimento de vazio e nada mais. Apresentando-se, regra geral, em termos estafados ou deformados pela super-produção comercializada no pior gosto e sentido, podemos situá-la na mesma linha dos obsoletos folhetins radiofónicos, romances cor-de-rosa, fotonovelas, etc., da mais refinada subqualidade. E o que é mais grave é a sua

influência mistificadora, prejudicial e mitificante, pois exceptuando-se alguns casos isolados (poucos) de louvável teimosia, não se verifica um esforço sério tendente a uma reforma, ab inis fundamentis.

Portanto, a canção nacional não nos diz nada. A «melodia» é sempre a mesma: quimico-copiada, banal e rançosa. A «poesia», caduca. Exemplos como: «Vou partir pra madrugada, à espera da saudade», etc., etc., são vulgaríssimos. E até os há bem piores. Praticamente o lugar-comum com o maior dos deslantes. Os condimentos sérios são puramente utópicos. Ou não há imaginação ou há mercenarismo a mais.

Ora, a canção nacional podia (e devia) ter um papel mais importante. Uma função actuante, esclarecedora e esclarecedora. Dada a facilidade da sua divulgação, poderia servir de alavanca formativa e educadora, através da actualização da poética e da forma. Serviria ainda de antidoto e purgante das avalanches publicitárias, cujos slogans torrenciais nos atordoam. Ao contrário, a arquejante canção nacional é hoje uma linguagem senilizada e gratuita, infelizmente. Aguardem-se melhores dias.

UM ROFESSOR

Em primeiro lugar, para se responder a uma pergunta sobre música portuguesa (ligeira ou popular) penso que se poderá formular uma outra: existe uma música portuguesa, portanto uma música de significação nacional, de profundo e imediato significado étnico-cultural?

A resposta peremptória em negativa será talvez ousada e um pouco arriscada, se mais não fosse porque poderia «chocar» os cultores (e há-os, nobres e plebeus) do tão falado «folclore nacional», os compositores encartados e «oficiais» da nossa Rádio e mesmo os que, não se sabe por que manhas ou artimanhas, não se cansam de apregoar que fado é folclore, que S.ta Marta de Portozelo é folclore, que até as canções que enviam à Eurovisão «têm um fundo genuinamente português». Mas o dizermos que existe uma «música portuguesa» também pode ser afirmação perigosa — isto, é evidente, pensando em todos os géneros musicais de índole popular, desde o mais espontaneamente criado ao mais artificialmente elaborado. Mas, deste último, e aqui incluímos o que quotidianamente nos é dado pelas nossas emissoras, preferimos não falar, de tal forma o conteúdo e a forma dessa música são falsos.

Assim, reduzida a questão ao existir um folclore musical português, considerando folclore a expressão artística «que não sai do seu âmbito próprio, que são os campos e as aldeias», que consegue «exprimir a vida e os trabalhos do homem rústico» (usando as palavras de Lopes Graça), podemos então aceitar a existência de uma canção popular portuguesa, mas, apenas, a que «é realmente a crónica viva e expressiva do povo português».

JULIO HENRIQUES

SEISDEDOS MACHADO
ADVOCADO
Travessa do Governo Civil, 4-1.º - Esq.º
AVEIRO

GABINETE DE ESTÉTICA ELIZABETH
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 83-5.º-D.to — c/elevador
AVEIRO
ESTETICISTA • VISAGISTA
Depilação • Manicure • Maquillage
TRATAMENTOS DE BELEZA
Preços módicos — Hora marcada — Telef. 24814

DEDICATÓRIA

Continuação da primeira página

aro partido e a lente caída. Realmente se me quisessem fazer uma partida não podiam ter descoberto coisas mais arreliadoras.

O brinco, esse é que não teve importância nenhuma porque era falso como Judas. Sumiu-se. Naturalmente ainda vem a aparecer por lá ou já apareceu possivelmente a estas horas. Deve ter-se sumido por dentro da cama e como só no comboio é que dei por mim com uma orelha mocha... não o procurei, claro. Aquilo foi de noite e até certo ponto bem feito, pois eu, tratando-se de pessoas com quem tenho tanta intimidade, já devia ter a coragem de não fazer cerimónias...

Normalmente vou para toda a parte agarrada ao meu almofadão porque estranho imenso as camas, especialmente as almofadas ou travesseiros. Costumo dormir com a cabeça alta e macia. É raro encontrar em hotéis ou seja onde for — na minha casa de férias, por exemplo — almofadas que me dêem conforto.

...E preparava-me para levar o almofadão, mas tanto se meteram comigo filhos e netos trocando das minhas maguiques que quis ter um rasgo de coragem e não levei o almofadão. Pois saiu-me caro!

Não foi que me não lembrasse de que aqui há 25 ou 30 anos passara uma noite tormentosa em Oliveira de Azeméis com um frio de morrer, num palacete onde estava de visita, por causa de uma incrível almofada, mais dura que uma pedra, que encontrei na cama. Isto para meu gosto, claro, pois «cada terra com seu uso e cada roca com seu fuso». Os donos da casa são civilizadíssimos, mas gostam daquilo. E que é que a gente tem com isso? Desta vez, também no Norte, o almofadão da minha cama parecia filho da almofada de há 25 anos. Eu não consigo saber o que é que lhes metem dentro. Só sei que era duro e pesado como nunca vi. Ao fim de muitas voltas sem encontrar posição para a cabeça — e como calculam de muita resmungadela por ter cedido diante da crítica e gracinhas dos meus — lá consegui com muita pancada fazer um rego a meio do almofadão para não assentar a orelha naquela dureza que me magoava, e deixá-la em vão. Foi o único processo de sossegar. E deve ter sido com essa ginástica de adaptação ao «duro» — o meu querido almofadão é de penas! — que se foi o brinco. Nunca mais. Ainda que eu tenha que inventar qualquer nevralgia esquisita ninguém mais me pilha sem o meu almofadão!

Enquanto não me lembrei de um sistema que me permitisse não pousar a orelha naquele monstro (porque ainda por cima era enorme), como não conseguia descansar, acendi a luz e deitei a mão a uns livros que a dona da casa gentilmente me tinha deixado à cabeceira. Peguei num autor português — um dos nossos mais conhecidos

romancistas contemporâneos — e só lhes digo que a dedicatória do livro me restituiu o bom humor!

Como tudo evolui e se pode ser ridículo exagerando as tendências de uma época! Quanto haviam de dar hoje a este escritor para repetir a tal dedicatória...

Como vão ver — pois copie-a, por lhe achar graça — não tem nada de extraordinário. Reflete apenas o espírito enfático do tempo (e de certos escritores). A edição é de 1927, e a senhora a quem o livro foi oferecido gostava de versejar e fazia-o com elegância e até com mérito. Talvez por isso, o autor pôs-lhe esta inscrição:

«Para a requintada sensibilidade e poliédrico talento de (fulana), com a admiração de (cicrano)».

E em baixo: «Século XX — Ano 27».

Não é cómico?

Eu achei!

Quem se lembraria hoje de encontrar «poliédrico talento» fosse em quem fosse? E até mesmo de datar Século XX — Ano 68?

E que não se trata de um amador de letras mas de um escritor consagrado!

Não há dúvida nenhuma de que até as palavras têm as suas modas.

CAROLINA HOMEM-CHRISTO

M.ª Luísa Ventura Leitão

MÉDICA

Recuperação funcional de doenças bronco-pulmonares
Consultas às terças e quintas-feiras às 16 horas (com hora marcada)

CONS.:
Aven. Dr. Lourenço Peixinho, 83-1.º E — Tel. 24790

RES.:
R. Jaime Moniz, 18 - Tel. 22677

Francês e Inglês

Por diplomada em Lausanne (Études Françaises) e Cambridge (Proficiency), com prática de ensino em colégio na Inglaterra. Telefone 27029.

Dr. Mário Sacramento

MÉDICO ESPECIALISTA

Aparelho Digestivo
Radiodiagnóstico

DOENÇAS ANO-RECTAIS
(HEMORRÓIDAS)

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 50-1.º
Tel. 22706
AVEIRO

Empregada de Escritório Oferece-se

Com o curso da Escola Técnica, procura lugar compatível.

Respostas a esta Redacção, ao n.º 68.

Carlos M. Candal

ADVOCADO

Trav. do Governo Civil, 4-1.º-D
(Cerca do Palácio de Justiça)
AVEIRO



PEÇAS DE ORIGEM

AGENCIA COMERCIAL



Telefones: 24041/4

AVEIRO

Tribunal Judicial da Comarca
de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo desta comarca e nos autos de habilitação de cessionários requeridos por João Agostinho, também conhecido por João Agostinho Portugal, e mulher, Maria do Rosário de Almeida Rato, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Costa Nova, e Beatriz de Oliveira Bichão, separada judicialmente de bens, doméstica, também moradora em Costa Nova, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, é, por este meio, citado aquele João Agostinho da Costa para, no prazo de oito dias, que começa a ser contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta com início na data da publicação do segundo e último anúncio, contestar, querendo, a aludida habilitação, deduzida pelos mencionados requerentes, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando e de sua mulher, Lúcia Ferreira Eugénio, na sua qualidade de interessados herdeiros, na herança do inventariado António Agostinho Portugal, que foi da Costa Nova, nos autos de inventário facultário deste e de Beatriz Clara, de que a habilitação acima referida é apenso.

Aveiro, 8 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,

ABEL PEREIRA DELGADO

O Escrivão de Direito,

LUIS HENRIQUE FERREIRA

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Carros usados

Merc. Benz 220 S	1957
Merc. Benz 190 SL	1959
Mercedes Benz 190Dc	1962
Merc. Benz 180	1958
Opel Kapitán	1960
Opel Olympia	1961-1962
Lância Fulvia	1963
Cortina	1963
Taunus 12 M	1964
Citroen Ami	1962
Austin J-2 (furgon)	1965
M. Benz L338 (camion)	1961

Revistos. Facilidades de Pagamento
A. C. Ria, L.ª
Telef. 24041/4 AVEIRO

Litoral — 19- Outubro 1968
Número 728 — Página 6

Teixeira, Mendes & C., Lda SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO Segundo Cartório

Certifico que por escritura de 24 de Setembro de 1968, inserta de fls. 39 v.º a 41 v.º, do L.º B N.º 68, deste cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, Teixeira Mendes & C.ª Lda, com sede em Aveiro na Rua Eng.º Oudinot n.ºs 22 a 24-A, (freguesia da Vera-Cruz) alteraram o Art.º 4.º do pacto social que ficou a ter o texto seguinte:

Art.º 4.º — A gerência, dispensada de caução, incumbem ao sócio José Teixeira Duarte Bicho, que por si só obriga a sociedade.

Está conforme ao original.
Aveiro, 30 de Setembro de 1968

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Dr. Joaquim Alves Moreira

Médico Especialista
Rins e Vias Urinárias
Cirurgia da Especialidade

Ex-residente de Urologia do Hospital Beth Israel de Boston e do Hospital Bellevue de New York

Consultas todas as 4.ªs feiras às 17 horas

(A partir de Outubro, inclusive)

Consultório: Rua de S. Sebastião, 119

AVEIRO

J. Rodrigues Póvoa

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS

RAIOS X

ELECTROCARDIOGRAFIA
METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Pezinho, 49 1.º Dto. — Telefone 23 875 — a partir das 13 horas com hora marcada

Residência — Av. Salazar, 46-1.º Dto.º
Telefone 23 750

EM ILHARO

No Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas.

Em Estorreja — no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas.

Empregada de Escritório

— precisa-se, com alguma prática, para fora de Aveiro. Fornece-se transporte grátis a partir de Esqueira.

Telefone 94 167.

as outras linhas aéreas
também têm pessoal
a falar imensas linguas...

...mas de Lisboa ao Canadá
só a
CANADIAN PACIFIC
fala português
aos
portugueses

...A bordo. E em terra, à chegada. Por isso, os Portugueses preferem a Canadian Pacific — a única companhia com voos directos de Lisboa e Santa Maria para as principais cidades do Canadá através deste novo e excitante país. E do Canadá para o México, para toda a América do Sul, Oriente e Sul do Pacífico. Preços especiais para grupos familiares. Voos todos realizados nos gigantescos Jactos Super DC-8. E para grandes aviões — grandes pilotos. Pilotos com milhares de horas de voo. E para passageiros como você — as magníficas refeições na boa tradição Canadian.



Queiram enviar-me informações sobre os vossos voos para o Canadá:

Nome: _____

Morada: _____

Cidade: _____

PRECISA-SE

Viajante, com carta de condução, para actuar em todo o Distrito de Aveiro.

Empregado/ Empregada de escritório para Firma com Sede nesta cidade.

Resposta em carta escrita pelo próprio à Redacção, ao N.º 85

Manuel António & Filhos, Lda

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO Segundo Cartório

Certifico que por escritura de 25 de Setembro de 1968, inserta de fls. 43 a 45 do livro B N.º 68, deste cartório, entre Armando António, Manuel António e Joaquim de Azevedo Maia, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «MANUEL ANTÓNIO & FILHOS, LIMITADA»; terá a sede na Rua Hintze Ribeiro, número oitenta e seis, na freguesia da Vera-Cruz, concelho de Aveiro; e durará por tempo indeterminado, com início do dia vinte e cinco de Setembro

de mil novecentos e sessenta e oito.

Segundo — O objecto social consiste na indústria de transportes em automóveis, designadamente com veículos em regime de aluguer; e poderá ainda dedicar-se a sociedade a qualquer outro ramo de indústria ou comércio em que os sócios venham a acordar.

Terceiro — O capital social é de cento e cinquenta contos, já integralmente realizado em dinheiro, e está representado por três quotas iguais, uma de cada sócio.

Quarto — A gerência, dispensada de caução, incumbem a todos os sócios, e a sociedade obriga-se válidamente mesmo em actos de alienação de veículos automóveis mediante a assinatura de dois deles, pelo menos.

Quinto — A cessão de quotas é livre entre os sócios; mas a favor de estranhos só pode realizar-se mediante o consentimento da sociedade.

Sexto — Se a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de oito dias.

Sétimo — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios; mas os herdeiros do falecido terão de designar um dentre eles para os representar a todos nela, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Oitavo — Dissolvendo-se a sociedade, a assembleia geral nomeará os liquidatários e fixará a forma da liquidação.

Assim o outorgaram, tendo sido prevenidos de que este acto terá de ser submetido a registo dentro de três meses.

Arquivo a referida procuração e uma certidão passada pela Conservatória de Registo Comercial de Aveiro.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida em contrário ou além do que aqui se narra.

Aveiro, três de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

DR. SANTOS PATO

MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças das Mulheres — Operações

Consultório

Avenida do Dr. Lourenço Pezinho, 20-A-2.º
— às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das 15 às 16 h

Telefones 23 182 - 75 145 - 75 277

AVEIRO

REGISTO

Resultados da 6.ª jornada:

FAMALICÃO — BOAVISTA	4-2
BEIRA-MAR — A. DE VISEU	3-0
SALGUEIROS — COVILHÃ	3-0
PENAFIEL — ESPINHO	2-1
TORRES NOVAS — LEÇA	2-0
TRAMAGAL — TIRSENSE	2-0
GOUVEIA — VALECAMBRE	1-0

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Salgueiros	6	4	1	1	13-3	9
Boavista	6	4	1	1	16-9	9
Beira-Mar	6	4	0	2	12-6	8
Famalicão	6	4	0	2	14-9	8
Tramagal	6	3	1	2	11-10	7
Gouveia	6	3	1	2	5-8	7
A. Viseu	6	3	0	3	8-8	6
T. Novas	6	2	2	2	7-7	6
Tirsense	6	2	2	2	6-7	6
Penafiel	6	2	2	2	6-7	6
Leça	6	3	0	3	8-10	6
Valecambr.	6	1	2	3	6-10	4
Espinho	6	1	0	5	5-12	2
Covilhã	6	0	0	6	4-15	0

Próximos jogos (3 de Novembro):

FAMALICÃO — BEIRA-MAR
A. DE VISEU — SALGUEIROS
COVILHÃ — PENAFIEL
ESPINHO — TORRES NOVAS
LEÇA — TRAMAGAL
TIRSENSE — GOUVEIA
BOAVISTA — VALECAMBRE



FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Beira-Mar, 3
A. Viseu, 0

Apontamentos de JOÃO AFONSO

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. António Costa, da Comissão Distrital do Porto.

Os grupos apresentaram-se assim constituídos:

BEIRA-MAR — José Pereira; Bernardino, Joca, Marçal e Marques; Abdul e Colorado; Amaral, Cleo, Eduardo e Almeida.

A. VISEU — Pais; Vitor; Aleixo, Piscas e Beto; Abraão e Osvaldo Silva; Pedro, Basto, Rodrigo e Paxim.



PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 8 DO «TOTOBOLA»

27 de Outubro de 1968

N.	CLUBES	1	x	2
1	PORTUG. — ROMENIA	1		
2	Chaves — Vila Real	1		
3	Mirandela — Vizela		x	
4	Lamas — Feirense	1		
5	Naval — Marinhense	1		
6	Algés — Casa Pia		x	
7	U. Leiria — Ferroviário	1		
8	Odivelas — Nazarenos	1		
9	Beja — Grandoliense	1		
10	Farense — C. Paredes	1		
11	Olhansense — Juventude	1		
12	Ferroviário — Casin	1		
13	Textáfrica — Fer. Beira	1		

Sumário Distrital

Principia amanhã o Campeonato Distrital da I Divisão, primeira prova oficial da Associação de Futebol de Aveiro na época em curso.

Na ronda de abertura, temos este programa:

PAÇOS DE BRANDÃO — ALBA
S. JOÃO DE VER — ANADIA
OVARENSE — ESTARREJA
PEJA — VALONGUENSE
BUSTELO — CUCUJAS
PAIVENSE — RECREIO
ESMORIZ — ARRIFANENSE
OLIV. DO BAIRRO — CESARENSE

Desportos

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

Basquetebol

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO

A prova principia esta noite, com desafios em Aveiro (Rinque do Parque) e em Ílhavo, defrontando-se:

GALITOS — ESGUEIRA
ILLIABUM — SANJOANENSE

Fica de folga e turma do Sangalhos, detentora do título aveirense.

JUNIORES e JUVENIS

No prosseguimento destes torneios, a segunda jornada propor-

cionou os seguintes desfechos:

Juvenis

GALITOS — SANGALHOS	37-16
ESGUEIRA — BEIRA-MAR	52-4
ILLIABUM — SANJOANENSE	43-20

Mapa de pontos:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Esgueira	2	2	0	114-32	6
Illium	2	2	0	80-34	6
Galitos	2	2	0	71-42	6
Sangalhos	2	0	2	44-99	2
Beira-Mar	2	0	2	28-89	2
Amoniac	1	0	1	26-34	1
Sanjoanense	1	0	1	20-43	1

Juniões

GALITOS — SANGALHOS	55-32
ESGUEIRA — BEIRA-MAR	64-9
ILLIABUM — SANJOANENSE	51-15

Mapa de pontos:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Illium	2	2	0	109-23	6
Esgueira	2	2	0	106-40	6
Galitos	1	1	0	55-32	3
Sangalhos	2	0	2	63-97	2
Beira-Mar	2	0	2	17-122	2
Sanjoanense	1	0	1	15-51	1

Jogos para amanhã:

BEIRA-MAR — GALITOS
SANGALHOS — AMONIAO
SANJOANENSE — ESGUEIRA

Ciclismo

Campeonato de Rampa

Para apuramento dos representantes da Associação de Ciclismo de Aveiro no próximo Campeonato Nacional — marcado para 26 e 27 do corrente, justamente na região aveirense —, começou a disputar-se, no domingo, o Campeonato Regional de Rampa.

Estiveram presentes apenas ciclistas, «profissionais» e «amadores», do Sangalhos — que amanhã disputarão a segunda e decisiva prova do torneio.

A corrida efectuou-se no Luso, apurando-se os seguintes resultados:

PROFISSIONAIS — 1.º — Joaquim Andrade e Herculano de Oliveira, ambos com 3 m. 34 s.; 3.º — Lino Santos, 3 m. 42 s.; 4.º — Celestino de Oliveira, 3 m. 48 s.; 5.º — Albino Mariz, 3 m. 50 s.; 6.º — Norberto Duarte, 4 m. 10 s.

AMADORES — 1.º — Manuel Lopes, 3 m. 50 s.; 2.º — Lineu Santos, 3 m. 56 s.

Amanhã, primeira «mão» da

TAÇA DE PORTUGAL

Os três Campeonatos Nacionais em curso vão ser interrompidos amanhã, dando lugar à disputa dos jogos da primeira eliminatória da TAÇA DE PORTUGAL.

Este ano, e de início, participam apenas equipas da II e da III Divisões, disputando-se os desafios numa só «mão». O programa geral da eliminatória inaugural ficou assim ordenado:

Riopele — Tirsense
Sarilhense — Algés
Lusitano — Faro e Benfica
U. Leiria — LUSITANIA
Torres Novas — Aves
Leça — Penafiel
ESPINHO — Olhanense
Almeirim — Vildemoinhos
Fafe — Oriental
Barcelonense — OLIVEIRENSE
A. Viseu — Famalicão
Ferroviários — U. Montemor
«Os Leões» — Marialvas
LAMAS — Luso
Sesimbra — Portimonense
Alhandra — Odivelas
Vasco da Gama — Rio Ave
Gouveia — Marinhense
Chaves — Sacavenense

Juventude — Casa Pia
Almada — Est. Portalegre
Nazarenos — Aljustrelense
Farense — Salgueiros
Lamego — Grandoliense
Bragança — Naval
Celorigense — Mortágua
U. Coimbra — BEIRA-MAR
Vianense — Boavista
Vila Real — Mirandela
Vizela — VALECAMBRE
Covilhã — Pinhelenses
Guarda — Seixal
Sintrense — Torriense
FEIRENSE — S. Pedro da Cova
Peniche — Lusitano
Gil Vicente — Beja
Montijo — Cova Paredes

Serventes-Precisam-se

Idade máxima até 30 anos e com o serviço militar cumprido.

Oliveira & Irmão, L.da

Rua Hintze Ribeiro, 61-1.º

AVEIRO

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO 2.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, e nos autos de Habilitação de Cessionário requeridos por Lucinda Clara Agostinho Portugal, doméstica, e marido, Francisco Moraes, comerciante, residentes em Costa Nova do Prado, desta comarca, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, por apenso aos autos de inventário facultativo a que se procede por óbito de António Agostinho Portugal e mulher, Beatriz Clara, que foram da Costa Nova do Prado, fica, por este meio, citado o referido João Agostinho da Costa, para no prazo de oito dias, contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta contada após a segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a habilitação aludida, deduzida pelos referidos requerentes Lucinda Clara Agostinho Portugal e marido, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando, na sua qualidade de interessado herdeiro na herança do inventariado António Agostinho Portugal no inventário acima identificado. Aveiro, 3 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito,

ABEL PEREIRA DELGADO

O Escrivão de Direito,

LUIS HENRIQUE FERREIRA
Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

EMPREGADAS

Precisa a «Lavandaria Sol». Falar na Sede, à Rua do Gravito, n.º 99 — Aveiro.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO 1.ª Publicação

No dia 25 de Novembro próximo, pelas 14.30 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de execução sumária que a exequente Neves & Capote, Limitada, Sociedade por quotas, com sede em Ílhavo, move ao executado João Martinho de Oliveira, solteiro, maior, residente em Versailles — França, há-de proceder-se à arrematação em hasta pública do imóvel a seguir indicado, penhorado ao executado, o qual será entregue a quem maior lance oferecer acima do valor por que será posto pela 1.ª vez em praça e que adiante se refere.

IMÓVEL A ARREMATAR:

Uma casa de habitação e seu terreno, sita na Rua das Leirinhas, da freguesia de Aradas, concelho de Aveiro, que parte do norte com António da Cruz Martinho, do sul com João da Conceição, do nascente com vala de água e do poente com aquela rua.

Vai à praça no valor de 6 080\$00.

Aveiro, 14 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
Abel Pereira Delgado

O Escrivão da 1.ª Secção,
Luís Henrique Ferreira

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

TIPÓGRAFO

Auxiliar ou segundo oficial, para composição a cheio, precisa-se na Gráfica Ilhavoense — Rua de Serpa Pinto — Ílhavo.

Aveiro na I e na III Divisão

● No torneio maior, a SANJOANENSE conquistou, no domingo, o seu primeiro triunfo, expresso em 1-0 diante do Sporting de Braga. A turma de S. João da Madeira subiu um lugar na tabela (de penúltimo para 12.º), mas continua em situação deveras ingrata e inquietante.

● No Campeonato Nacional da III Divisão, Zona B, os resultados da segunda jornada foram os seguintes:

Vildemoinhos — Marialvas	2-1
Mortágua — LAMAS	0-5
FEIRENSE — OLIVEIRENSE	4-0
Guarda — União de Coimbra	2-3
Lamego — Celorigense	2-1
Pinhelenses — LUSITANIA	1-2

Tabela classificativa actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	2	2	0	0	9-1	4
U. Coimbra	2	2	0	0	5-3	4
Lusitânia	2	2	0	0	3-1	4
Feirense	2	1	0	1	5-2	2
Marialvas	2	1	0	1	4-2	2
Lamego	2	1	0	1	2-2	2
Oliveirense	2	1	0	1	4-5	2
Vildemoinhos	2	1	0	1	3-5	2
Celorigense	2	0	1	1	2-3	1
Guarda	2	0	1	1	3-4	1
Pinhelenses	2	0	0	2	1-9	0
Mortágua	2	0	0	2	1-9	0

Litoral — 19-Outubro-1968
Número 728 — Página 7

«O ÚLTIMO COMBOIO PARA KATANGA»

O culto do herói, pois, o cinema é um mãos rotas a esbanjar heróis, já lá vai o tempo em queles tãvam pelo preço da morte, agora são cozinhados com requinte e fornecidos em doses substanciais, aqui eram variadíssimos, mas os principais eram o Curry e o Ruffo, que raio de nomes, benza-os Deus!, o número um era o Curry, quera branco e o Ruffo era o número dois, prucquera preto, formidáveis, dois bons, mercenários especiais, o primeiro um duro cafinal era sentimentalão, até pracia o Tony de Matos, mas disfarçava, o segundo dizia que lutava pela terra, mas ganhava guita que se fartava, confidencialmente adiantamos pra lá questões dois iam receber 50 000 dólares, e a história, muito muito superficial, bem, os dois heróis foram contratados por conta do senhor presidente do Congo pra matar pessoas, este presidente era muito simpático puracaso, eles tinham quier buscar muita gente que estava numa povoação distante, antes cus terroristas, queram maus, apracessem prulá, mas afinal num era isso quintressava, eram os diamantes, que num se chegou a saber bem de quem eram, e que valiam 50 milhões, então eles, os bons, organizaram o tal comboio, o último, quencheram de mercenários e lá foram, contando e rindo levados levados sim, pra vida, quer dizer, pra morte, havia a fêmea, quera Mimmieux, que por imperativo do argumento não podia morrer, prucausa da parte romântica da fita, olaré, de formas que prumera coincidência só ela se salvou do massacre dos terroristas, ópois maiedfrente apareceu um avião quera da ONU, ó nu!, e que metralhou o comboio sem maizaquelas, vai daí os mercenários, que claro ganhavam praquelas coisas, mercenariaram o avião, deixaram uns quantos cadáveres no caminho e finalmente, uff!, chegaram à tal terra onde as gentes aclamaram os heróis todos, o Curry, quera o herói mais bom, saiu em ombros, apareceu o tipo que tinha os diamantes,

mas tinha-os num cofre dos bons que só abria daí a 3 horas, prucu velhote, quera fraco em matéria de cálculos, tinha regulado o automático prás 6 horas e só eram três da tarde, já é preciso ter azar, enfim tristezas, prucausa disso deu uma raivinha ao herói número um, mas isso passou e, como não se podiam desperdiçar tantas horas, arranjaram-lhe um pequeno serviço suplementar: ir a uma missão que ficava a num sabemos quantos quilómetros, pra convencer as freirinhas, tadinhas, e o respectivo padre, tadinho, que estavam muito convencidos a trautear

ARTUR FINO • JÚLIO HENRIQUES

a famosa daqui não sato daqui ninguém me tira, e atão o herói número um era o único, sem similares, que podia safar a onça, de maneiras que, zás!, enfiou-se desalmadamente, cua cachopa, tá claro, prucuela sabia de línguas a potes, tão a perceber!, e ópois foram buscar o dotor pra fazer uma cesariana a uma indígena gravidíssima de todo, coisas cacontecem, mas o dotor era um borrachão incorrigível, e aqui é que não percebemos a marosca



SECÇÃO DIRIGIDA PELO DR. HUMBERTO LEITÃO

O Campeão do Vouga, de 31 de Outubro de 1852, publicou o artigo que segue, da autoria do dr. Thomaz de Carvalho, lente da Escola Médica de Lisboa, doutorado em Paris, e que em Aveiro passou o Outono daquele ano na companhia dos seus amigos José Estêvão e Mendes Leite, com quem travara relações de muita intimidade em França, quando do exílio destes ilustres filhos da nossa terra.

Trata-se de um curiosíssimo e autorizado depoimento sobre Aveiro de há 116 anos, não obstante o lapso histórico — aliás crença ao tempo generalizada — de que o túmulo existente no edifício da capela-mor da igreja de S. Domingos (a actual Sé) seria o sarcófago da famosa Natércia de Camões.

AVEIRO - PARIS DESCALÇO

Aveiro é Paris descalço, — assim o disse pessoa de agudo e profundo engenho. De todas as cidades da provincia esta é decerto a mais policiada e esclarecida. Assente na foz do Vouga, que lhe vem beijar as plantas com

Continua na página cinco

MAIS UM CAFÉ QUE FECHA...

...e mais um banco que vai abrir-se em Aveiro no sítio dum café. É do sítio, claro — que o sítio, que foi essencial garantia da frequência de afamados cafés, parece ser agora a fundamental preocupação dos bancos para garantia da respectiva frequência. (Nunca compreendemos por que motivo não é válida para os bancos a conhecida história dos srs. Brown e Smith: se o sr. Brown demonstra que há milhões de ratos, potencialmente bilhões,

o que os ratos destroem a fazenda e ameaçam a saúde; e se o sr. Smith inventou eficaz ratoeira para ratos — todos logicamente procuram o sr. Smith, onde quer que seja, ainda que ele se esconda no meio duma floresta... E porque a história não parece válida no caso dos bancos, dir-se-á que os bancos se preocupam, eles próprios, com demonstrar a valia das ratoeiras dispondo-as no caminho dos ratos... Bem: aguardemos a oportunidade de voltar a beber a nossa chicara de café no sítio dos bancos: é só questão de tempo...).

E, agora, muito a sério: ficar-nos-á funda saudade do velho «Arcada» — o sacrificado, desta feita. Ao

— Se acertasse no TOTOBOLA, abria logo um Café!
— Um Café?!
— Pois, para o passar a... um Banco...

Desenho de GUERRA DE ABREU



que nos informam, o começo do próximo ano será o tempo das charlas naquele refúgio das quotidianas conselheiras dos aveirenses: ali, por mais de um terço de século, tem sido lugar para a fugaz despreocupação de todos os preocupados, na amenidade da inofensiva cavaqueira incensada pelo fumo que ascende e pelo perfume que rescende da porcelana branca. Sim, que esta palavra é, apenas, a antecipação duma saudade — que vai reforçar-se nestes derradeiros meses de 1968.

DR. ANTÓNIO CHRISTO

Foi também numa quarta-feira — há cinco anos contados na pretérita quarta-feira, 16, — pouco depois das duas da madrugada, que o Dr. António Christo expirou, serenamente, às palavras da extrema-unção, dando exemplo de rara coragem aos que lhe assistiam no amargo transe.

Recordamo-lo aqui por dever que transcende o particularismo da imperecível dor de familiares que trabalham no Litoral: a pena de António Christo serviu tão dedicadamente e tão desinteressadamente esta folha, que o silêncio sobre a infausta efeméride poderia alguém julgá-lo soberbia excessiva de quem não se compraz em ver o seu nome e o dos seus na letra de forma destas colunas.

Aqui traremos, a seu tempo, — e quanto mais tardias mais actualizadas e consolidadas serão — as palavras com que muitos teimam em homenagear António Christo: deliberadamente as queremos dar à estampa quando o tempo lhes possa ser rigoroso filtro — concedendo-lhes indiscutível medida. Até lá, a singela evocação a que o calendário nos concita poderá estimular, no crente, um «Deus o guarde!»; e, em todos, o reconhecimento desta verdade: António Christo muito mereceu dos homens — e alguns homens houve que tudo fizeram para nunca o merecerem.

muito bem, prucuela conseguiu safar a onça com êxito, encharcado e tudo, enfim, curvemo-nos diante destes fenómenos, ó pródiga Natureza!, masupior de tudo é que no fim, ó céus!, morreram todos, tadinhos, numa demonstração de heroísmo quinté, excepto, é claro, ele — o herói, ela — a heroína, e alguns mercenárioszitos, e aqui, é inevitável, temos cacabar, as lágrimas sufocam-nos, só queremos transmitir-vos, ó Pacientes Leitores!, a moral da película: o homem não deve andar descalço, porque faz mal aos dentes.

POR ISSO...

A exigência tem de partir de nós, público de cinema. A preparação diária feita pela TV tem sido uma larga fonte de deseducação e de fomento de mitos baratos. Os resultados estão à vista: encheu-se o Avenida (com lugares em pé) para a projecção de «O último comboio para Katanga», fita estrelada por actores das séries de TV exportadas às toneladas pelos EUA para todo o Mundo, e mais especialmente para os países subdesenvolvidos.

A exigência tem de partir de nós!

Os distribuidores afirmam, com razão, passar os filmes que sabem dar dinheiro, porque, evidentemente, não estão para ter prejuízos só porque meia dúzia de indivíduos deseja ver projectados filmes de interesse.

Nós cá pela Província, ressentimo-nos com a falta de cinemas-estúdio (ou de cine-clubes). Aqui, nota-se cada vez com maior acui-

Continua na página cinco

O Problema Viário

Continuação da primeira página

nizadas — ou a definir — no plano das rodovias nacionais, impondo-se a mais útil integração dos acessos a cargo do Município nas estradas do Estado. Resulta daí a necessidade duma prévia coordenação; mas, daí também, as demoras no ajustamento, umas resultantes de inevitáveis estudos, outras de burocráticos atrasos. E, para além do mais — talvez acima de tudo —, surgem, como permanente preocupação, as limitações de custos impostas pelos alinhamentos económicos.

Todavia, uma coisa é certa: Aveiro tem-se desenvolvido a ritmo vertiginoso: basta citar o exemplo — aliás dentro do presente tema — do aumento do tráfego no concelho, que, nalguns pontos,

ascendeu a 600 % na década de 1955-65, prevendo-se mais impressionante a cifra de acréscimo, ainda não rigorosamente registável, de então para cá.

O Presidente do Município historiou seguidamente a tramitação do Plano Director da Cidade, deste Janeiro de 1965 — data em que, pela primeira vez, foi submetido à apreciação superior — até 22 de Julho de 1967 — data do despacho ministerial que permitiu à Câmara mais seguro delineamento dos acessos locais. Desde essa altura, o Gabinete de Urbanização multiplicou esforços no sentido de realizar um trabalho de base, tendo em atenção todos os elementos condicionantes duma rede viária ao nível das exigências — e com duas essenciais preocupações: evitar, quanto possível, novos atravessamentos na cidade (com aproveitamento da circunvalação já prevista no Plano Director e superiormente aprovada); garantir acessos directos à zona portuária, simultaneamente tangenciais a esta e à cidade. Mais: as alterações agora introduzidas na inicial concepção do Plano Director tiveram em vista, no aspecto viário, não só a zona citadina, mas também todo o concelho, na medida em que, por um lado, a urbe tende a dilatar-se, e, por outro, ela representa um ponto de grande convergência das superpovoadas zonas suburbanas. Assim, o Plano aparece-nos remodelado quanto aos acessos que do exterior (EE. NN. 230, 235 e 335) ligam à chamada Variante (às EE. NN. 16 e 109), intentando-se que os cruzamentos se processem a níveis diferentes, com o aproveitamento dos acidentes naturais do terreno nas interligações

Conclui na página cinco

NO LIMAR DO ANO XV

POR MUITOS... E BONS!

GAZETILHA DE CUCA

Que o «Patrão» conceda a graça de expandir alguma «treta» nas folhas desta GAZETA que honra a IMPRENSA REGIONAL! «Cristo» (da Terra...) o criou; e por ter à frente um «Cristo», que anda cá em baixo a «ver isto», segue o vento o LITORAL.

O «Cuca» também «ser gente» pra desfiar seu rosário, ao correr do aniversário do jornalzinho de «truz»!... Mais um ano a fazer peso; mas conserva a mocidade, frescura e vitalidade com que «Cristo» o «deu à luz».

A roda da Lusitânia tudo carria, afinal, pra dar a vida ao jornal — POR MUITOS ANOS E BONS! Os «escribas» são dos «fixes»; nesta «nau» ninguém se tem! Pudera! Com «Cristo» ao leme, «afina» em todos os tons.

Não é Cristo da Judeia, — Cristo-Rei da Galileia que pela terra passou: — É um «Cristo» apenas homem, a quem as lídãs consemem, mas um Homem... «comme il faut».